

Entre a crítica textual e a crítica genética: um exemplo

Francisco Topa

Universidade do Porto



RESUMO – O poeta António Nobre deixou-nos dois volumes póstumos: *Despedidas*, publicado em 1902 e reunindo a produção poética de 1895 a 1899, e *Primeiros Versos*, dado ao prelo em 1921 e incluindo textos do período compreendido entre 1882 e 1889. Sendo a edição de 1921 uma edição póstuma, não há informações precisas sobre o modo como reuniu e ordenou o acervo, nem sobre a identidade do seu editor. Para esclarecer as dúvidas e corrigir as falhas, há necessidade de uma edição crítico-genética que irá estabelecer o texto, cientificamente correcto, cujo modelo exemplificarei com um poema concreto.

Palavras-chave: António Nobre; Edição crítico-genética; Estabelecimento de texto

RÉSUMÉ – Le poète António Nobre nous a laissé deux volumes posthumes : *Despedidas*, publié en 1902, qui réunit sa production poétique de 1895 à 1899, et *Primeiros Versos*, donné à l'éditeur en 1921, qui inclut des textes de la période comprise entre 1882 et 1889. L'édition de 1921 étant posthume, il n'y a pas d'informations précises sur la manière dont a été réuni et organisé le fonds, ni sur l'identité de son éditeur. Afin d'éclaircir les doutes et de corriger les manques, une édition critico-génétique est nécessaire pour établir le texte, scientifiquement correct, dont j'exemplifierai le modèle avec un poème concret.

Mots-clé: António Nobre; Édition critico-génétique; Établissement du texte

Embora conhecido como o poeta do *Só* – que imprimiu em Paris, em 1892, e reeditou seis anos depois com modificações significativas –, António Nobre deixou-nos também dois volumes póstumos: *Despedidas*, publicado em 1902 e reunindo a produção poética de 1895 a 1899, e *Primeiros Versos*, dado ao prelo em 1921 e incluindo textos do período compreendido entre 1882 e 1889. São os problemas editoriais deste último que rapidamente discutirei, mostrando a necessidade de uma edição crítico-genética, cujo modelo exemplificarei com um poema concreto.

Primeiros Versos foi organizado pelo irmão do poeta, o biólogo Augusto Nobre, que nas notas finais das edições de 1921 e 1937 declara que António

Pouco antes de morrer tinha resolvido reunir em volume as poesias que não havia incluído no *Só*, a maior parte das quais já conhecidas pelas Revistas e Jornais do tempo; a êsse volume daria o nome de *Primeiros Versos*.

É esta a razão do título dêste livro póstumo.¹

A informação foi depois corroborada por Júlio Brandão, no prefácio que escreveu para a segunda edição de *Primeiros Versos*²:

Nos seus apontamentos, António Nobre deixou notas que revelam a ideia de publicar algumas das composições, que constituem, com outras, êstes *Primeiros Versos*. As poesias indicadas pelo autor, formariam, talvez (com várias escolhidas e retocadas mais tarde) uma antologia das suas composições de rapaz, dadas quasi todas à estampa, como já referi, em revistas e jornais dêsse tempo (p. XIII).

De seguida, refere-se a um documento – de que não dá pormenores – em que António Nobre teria escrito a lápis uma lista de 15 poemas a incluir na projectada antologia de *Primeiros Versos*.

Apesar da autoridade dos dois informantes, é difícil – na ausência de documentos de significado inequívoco – atribuir crédito total ao referido intento de Nobre, tanto mais que o poeta não se lhe refere noutros textos, designadamente na correspondência. Além disso, se o autor tivesse chegado a esboçar um plano minimamente definitivo, a edição de *Primeiros Versos* preparada pelo seu irmão representaria a subversão desse projecto, dado que o propósito antológico deu lugar à tentativa de reunir

¹ *Primeiros Versos: 1882-1889 (Edição Posthuma)*, Barcelos, Companhia Editora do Minho, 1937, p. 199.

² *Primeiros Versos: 1882-1889*, 2ª ed., revista; prólogo de Júlio Brandão; Barcelos, Companhia Ed. do Minho, 1937.

a totalidade da produção enquadrável no âmbito temporal fixado no título: 1882-1889. E essa possibilidade não parece coadunar-se com o que se sabe da personalidade escrupulosa de Augusto Nobre. É de crer, portanto, que o projecto de António Nobre, a ter existido, não terá chegado a assumir uma forma acabada, o que legitima que *Primeiros Versos* se apresente como um volume que procura reunir a totalidade da poesia nobriana anterior ou contemporânea do *Só*.

Isso não significa, contudo, que o trabalho de Augusto Nobre esteja isento de reparos. Embora não tenha suscitado até hoje grandes reservas dos especialistas, a sua edição coloca sérias interrogações – a começar pelo plano da constituição e ordenação do *corpus* – e merece críticas pelas falhas que apresenta ao nível da fixação dos textos. Mais grave ainda é o facto de as edições seguintes não terem ultrapassado por completo estes problemas, contribuindo assim para que os erros se perpetuassem.

Impõe-se, portanto, a preparação de uma edição crítica dessa parte da obra de António Nobre, como tentarei mostrar. Começarei por apresentar uma breve síntese sobre a história editorial de *Primeiros Versos*, passando depois à edição de um poema exemplificativo, cujo modelo discutirei.

Começando pela edição de 1921, preparada por Augusto Nobre, a primeira observação a fazer diz respeito ao *corpus*. Tratando-se de uma edição póstuma, não controlada pelo poeta, seria de esperar que o editor tivesse o cuidado de explicar o modo como reuniu e ordenou o acervo. Infelizmente, nada se diz a esse respeito, da mesma forma que há um silêncio total sobre os testemunhos que serviram de base à edição de cada texto. O leitor fica assim sem qualquer instrumento de controlo do produto editado. Não obstante, não é difícil perceber como foi reunido o *corpus*: tentando abarcar a totalidade da produção poética de António Nobre anterior ou contemporânea do *Só*, o editor juntou as composições saídas em periódicos da época com os textos que encontrou inéditos nos cadernos manuscritos do irmão, o mais importante dos quais se intitula “As Confissões de Antonio Nobre: (1882-1889)” e pertence hoje ao espólio da Biblioteca Pública Municipal do Porto³. Quanto à disposição dos textos, observa-se que Augusto Nobre não seguiu um critério uniforme: houve uma tentativa de ordenar as peças cronologicamente, mas a verdade é que há poemas sem data intercalados em textos datados, do mesmo modo que um critério formal impôs que os sonetos fossem arrumados numa secção própria.

A segunda observação tem a ver com a fixação dos textos. Como terei oportunidade de exemplificar mais à frente, Augusto Nobre cometeu demasiadas falhas neste domínio, que continuariam a ser repetidas nas edições seguintes.

A fortuna editorial destes *Primeiros Versos* confirma e amplia as observações acabadas de fazer. Em 1937, Júlio Brandão abre o prefácio da 2ª edição declarando:

A primeira edição deste livro saiu muito defeituosa, em parte pela precipitação com que foi publicada, que deu motivo a lamentáveis descuidos tipográficos. A revisão foi má; não se observou a ordem das composições; havia repetições desnecessárias; a ortografia era caótica; e até numa parte do volume esqueceu a paginação... (p. VII).

Em seguida, justifica as falhas com o facto de Augusto Nobre não ter podido assistir “à parte da organização e à composição dos *Primeiros Versos*”, deixando-nos assim em dúvida quanto à identidade do verdadeiro editor de 1921. Nada diz, contudo, sobre os procedimentos concretos seguidos ao nível da organização do *corpus*. De qualquer modo, comparando esta edição com a anterior, são bem visíveis as diferenças nos planos apontados por Júlio Brandão. Do ponto de vista quantitativo, ambas as edições apresentam um conjunto de 85 composições, tendo sido apenas corrigida a repetição de um poema que se verificava no volume de 1921. As transformações verdadeiramente significativas dizem respeito à ordenação dos poemas e à correcção de algumas falhas na fixação dos textos.

Posteriores a estas, há apenas duas outras edições com interesse para a preparação da edição crítica de *Primeiros Versos*: a de 1945⁴, sem organizador identificado, e a de Viale Moutinho⁵, de 1983. Tanto uma como outra introduzem modificações acentuadas no *corpus* da obra. A primeira reduz o número de poemas em cerca de duas dezenas, embora – curiosamente – inclua composições que não integravam as edições anteriores. Além disso, volta a alterar a disposição das peças. A de Viale Moutinho, ao contrário, aumenta o *corpus* para um total de 100 poemas, o que resulta da incorporação de textos que o organizador descobriu na revista *A Alvorada* e no jornal *Diário Nacional*. Bem mais rigoroso que os editores precedentes, Moutinho anotou as variantes para os poemas incluídos nas edições anteriores que haviam saído em periódicos. Além disso, admitindo o carácter não definitivo do seu trabalho, adverte que será possível encontrar novos poemas integráveis em *Primeiros Versos* “espalhados por outras publicações de vida efémera, ou inéditos em arquivos particulares, esquecidos ou voluntariamente sonegados” (p. 8).

São estes os principais dados da história editorial de *Primeiros Versos*. A conclusão que deles resulta parece evidente: há várias zonas de sombra a esclarecer,

³ Este manuscrito apresenta a seguinte cota: MA—António Nobre—I-1[a]-18.

⁴ *Primeiros Versos: 1882-1889 (Edição Posthuma)*, Braga: Oficinas Gráficas Augusto Costa & Cª Lª.

⁵ *Primeiros Versos e Cartas Inéditas*, org., pref. e notas por Viale Moutinho; Lisboa: Editorial Notícias.

há uma série de falhas a corrigir, o que reclama, em primeiro lugar, uma pesquisa sistemática conducente à inventariação rigorosa do *corpus* a editar e dos respectivos testemunhos. Só assim será finalmente possível fixar um texto cientificamente correcto.

É o modelo para a concretização desse intento que agora pretendo apresentar e colocar em discussão. Para isso deter-me-ei num poema exemplificativo, “Inglesinhas”, que nos dará a oportunidade adicional de demonstrar de forma prática algumas das restrições colocadas ao modo como *Primeiros Versos* têm vindo a ser editados.

De acordo com os dados reunidos até ao momento, “Inglesinhas” teve a sua publicação inicial em *Primeiros Versos*, não estando assim naquele grupo de textos que Nobre fora dando à estampa em periódicos da época. Comparando as quatro edições a que fiz referência, verifica-se que – salvo as actualizações ortográficas – o texto de “Inglesinhas” não apresenta variantes. A única diferença significativa diz respeito à disposição do poema no *corpus*: na 1ª edição, “Inglesinhas” surge em 11º lugar; na 2ª, em 20º; na 3ª em 23º; e na 4ª, em 21º. Mas essa é uma questão que agora deixarei de lado. Trabalharei apenas com a 2ª edição – a que atribuirei a sigla *PV2* –, considerando as restantes *descriptae*. Este não é, contudo, o único testemunho do poema. Há pelo menos mais três, todos manuscritos autógrafos. O mais recente consta de um documento que já tive oportunidade de mencionar: *As Confissões de António Nobre: (1882-1889)*, f. 12r-12v. O intermédio vem na primeira página de uma folha solta que faz parte do espólio da Biblioteca Pública Municipal do Porto⁶. O mais antigo figura no Caderno de Apontamentos n.º 1 de António Nobre da Biblioteca Municipal Florbela Espanca, de Matosinhos, f. 71v (Doc. 371). Apresentando na folha de rosto o título *Alicerces*, este documento foi editado em 1983 por Mário Cláudio⁷, infelizmente com várias falhas.

O primeiro desses testemunhos manuscritos está datado de 1886 e é uma cópia a limpo, apesar de o autor ter procedido ainda a algumas pequenas emendas. Tudo parece indicar que foi esta a versão que serviu de base à edição de Augusto Nobre.

O segundo documento transmite uma versão anterior do texto, que, embora bastante estruturada, apresenta um carácter inacabado, traduzido em lacunas e correcções não definitivas.

O terceiro testemunho, posto que não datado, apresenta a versão mais antiga, em que o poema se apresenta em forma de esboço com contornos já razoavelmente definidos. Neste caso, as correcções – todas

⁶ MA – António Nobre – I-1[a]-1.

⁷ António Nobre – *Alicerces* seguido de *Livro de Apontamentos*, leituras, prefácios e notas de Mário Cláudio; Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

1º testemunho

12

+

Inglesinhas

Um ~~Alto~~ ^{Alto}, à beira-mar, um bando de inglesinhas,
Leiras e to-das graças,
Andam a patinar, bues como andorinhas,
Dee algas como as onas...

Um ^{v.º} ~~Alto~~ ^{Alto} esta de água, nas praias,
Com as patas verguidas:
Vigi-as como nas, prompto a atirar-ll' áxaguas,
Herodes salva-vidas!

O pae, exaço enorme, anda na praia algente,
Collectando algas,
E, além, alitresse par' croquet, graciosamente,
Com suas mãos fidalgas!

No entanto as "mices", ~~com~~ ^{com} chibrente borboinco,
Longem, ao vento, as trouças!
E ri-se muito o char-ou, esse velhinho,
Que é doído por os angas!.

Vêjo tudo isto. E entando se Tendo, ao vil-as,
E entandoo deijos:
Dá-me vontade, eu sei! de as patinar com ellas,
Com uns patins de leijos!

Operto. 1886.

2º testemunho

13

+ 13

est beira-mar

Vem declinando a tarde. Um bando de inglesinhas
Leiras, patas, ancas,
Andam a beira-mar, bues como andorinhas,
Dee algas, como as onas...

Patulam sobre a água
Com graça, mimo e ante,
E têmem pelo as quilibrantes gaxalhadas,
Como um cristal que parte...

Um cão da terra clava ruindo sobre as praias

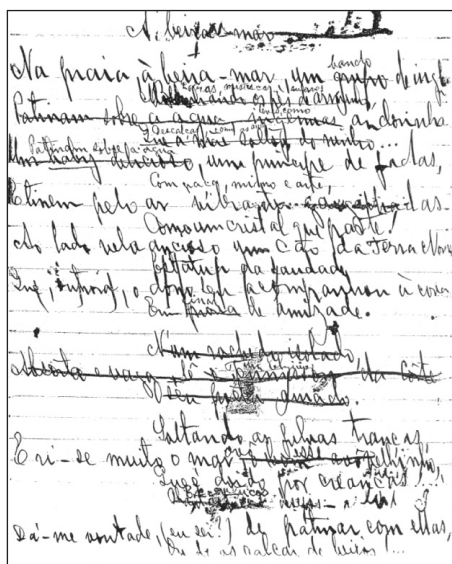
Vêjo-as, mudo e prompto a arremessar – se as água
Herodes salva-vidas!

O pae, um bato mudo, anda na praia,
Collectando algas,
E além, alitresse par' croquet, graciosamente,
Com suas mãos fidalgas!

As mices, no entanto, com chibrente borboinco,
Longem, ao vento, as trouças!
E ri-se muito o char-ou, esse velhinho,
Que é doído por os angas!

Que brega e tuho, ao vil-as
Dá-me vontade, eu sei! de as patinar com ellas,
Com uns patins de leijos!

3º testemunho



feitas numa tinta mais clara e grossa que a primeira e muito provavelmente contemporâneas entre si – são numerosas e boa parte delas consiste na eliminação de segmentos de verso, de versos ou de conjunto de versos. O resultado é um texto claramente provisório e algo fragmentário, mais distante da versão final. Não obstante, percebe-se nele uma estrutura, tanto formal como semântica, definida, o que faz pensar que não tenha sido esta a primeira versão daquele que viria a ser “Inglezinhas”.

Um material como este – que pode não ser definitivo –, mais do que permitir, reclama uma edição crítico-genética, orientada por dois objectivos básicos: a fixação de um texto mais próximo da previsível vontade do autor e a documentação, mesmo que incompleta, do processo da sua composição. É isso que tentarei exemplificar de seguida, discutindo também o modelo editorial.

Procurando chegar a um público que ultrapasse o reduzido grupo dos especialistas motivados e capacitados para a leitura e a discussão de uma edição crítico-genética complexa, creio que deve ser feito um esforço no sentido de aliar o rigor a uma legibilidade de tipo mais intuitivo. Assim, por um lado, proponho a separação do texto crítico dos aparatos (o de variantes e o genético), reservando àquele a parte principal do volume. Por outro lado, defendo a introdução de algumas alterações na forma de apresentação de ambos os tipos de aparato. No que respeita ao primeiro tipo, entendo útil o registo do lema, antes das variantes, de modo a tornar mais evidente a percepção da diferença. Quanto ao aparato genético, penso que a representação codificada e compacta das etapas por que foi passando o texto impede – ou torna muito difícil – a percepção clara de cada versão, tanto mais que, com frequência, há uma distância muito acentuada entre elas. Defendo por isso que o aparato

genético seja desdobrado nos momentos correspondentes aos estádios identificados. Isto significa que, se a tradição testemunhal do poema comportar seis versões, serão cinco os aparatos genéticos a apresentar. É esse, aliás, o caso de “Inglezinhas”:

- Temos uma versão final – a que chamarei *F* – transmitida por *Confissões*, que servirá de base ao estabelecimento do texto crítico;
- Temos a versão anterior às correcções introduzidas pelo autor sobre o manuscrito de *Confissões*, que designarei por *E* e que será anotada no Aparato Genético 1;
- Temos a versão da folha solta da Biblioteca Pública Municipal do Porto resultante das correcções feitas por António Nobre, a que chamarei *D* e de que darei conta no Aparato Genético 2;
- Temos a versão da mesma folha anterior às emendas, a que atribuirei a sigla *C* e que tratarei no Aparato Genético 3;
- Temos a versão resultante das correcções introduzidas pelo autor no manuscrito de *Alicerces*, a que chamarei *B* e que constituirá o Aparato Genético 4;
- Temos, por último, a versão desse mesmo manuscrito anterior às correcções, que designarei como *A* e que abordarei no Aparato Genético 5.

Feitos estes esclarecimentos, passemos então à apresentação exemplificativa da proposta. O primeiro momento seria o texto crítico, que tomaria como base a versão *F*:

Inglezinhas

- 1 Alli, à beira-mar, um bando de inglezinhas,
Loiras e todas graves,
Andam a patinar, leves como andorinhas,
Descalças como as aves...
- 5 Um “S. Bernardo” está de vigia, nas fraguas,
Com as patas erguidas:
- 7 Vigi-as como pae, prompto a atirar-se às aguas,
- 8 Heroico “salva-vidas”!
O Pae, saxão enorme, anda na praia algente,
- 10 Collecconando algas...
E, além, “Mistress” faz “crochet”, graciosamente,
- 12 Com suas mãos fidalgas.
- 13 No entanto as “misses”, em chilreante borbórinho,
Largam, ao vento, as tranças!
- 15 E ri-se muito o Mar-avô, esse velhinho,
- 16 Que è doido por creanças...
- 17 Vejo tudo isto. E extasiado eu tenho, ao vê-las,
- 18 Excentricos desejos:
- 19 Dà-me vontade, eu sei! de as presentear a ellas
- 20 Com uns patins de beijos!
Oporto. 1886.

Trata-se de um daqueles poemas juvenis de António Nobre que nos toca pela ingenuidade do seu lirismo. Toca-nos o desenho nítido do quadro, mas toca-nos sobretudo a *explosão* emotiva na poderosa imagem final: “Dà-me vontade, eu sei! de as presentear a ellas / Com uns patins de beijos!”. Noutro plano, é de observar o fino recorte da sua estrutura formal: um tipo de quadra em que os alexandrinos (versos ímpares) alternam com os hexassílabos (versos pares), num esquema rimático do tipo ABAB. Com a excepção da primeira estrofe e, em parte, da última, podemos ainda notar a tendência para fazer deste tipo de quadra a soma de dois dísticos. Não querendo prolongar em demasia este brevíssimo comentário do poema, deixarei ainda uma nota sobre o sistema de rimas. Repare-se que, em quatro das cinco estrofes, há um par que pratica um tipo de rima à época já muito pouco usual, a chamada rima reflexa: *graves / aves* (1ª estrofe); *fraguas / aguas* (2ª); *fidalgas / algas* (3ª); *vêl-as / ellas* (5ª).

Separado do texto crítico, numa secção final, teríamos em primeiro lugar o aparato de variantes:

Aparato de variantes

- 1 Alli, à beira-mar] Ali à beira-mar PV2
- 7 Vigi-as] Vigia-as PV2, prompto a] pronto, a PV2
- 8 “salva-vidas”] “Salva-vidas” PV2
- 13 em chilreante] chilreante PV2
- 17 E extasiado] Extasiado PV2
- 18 desejos:] desejos. PV2
- 19 eu sei!] eu sei, PV2
Data Oporto.] Porto, PV2

Numa confirmação do que disse sobre as falhas das sucessivas edições ao nível da fixação do texto, nota-se que há um total de oito variantes, número que me parece elevado, atendendo à extensão do poema e à facilidade de leitura do testemunho base. O facto de metade das variantes respeitar a questões de pontuação, de uma delas se relacionar com um aspecto gráfico e de outra dizer respeito à datação, não desvaloriza este trabalho. Antes de mais, porque se trata de respeitar a vontade do poeta, que, aliás, sempre se mostrou meticuloso nestes domínios. Por outro lado, porque mesmo as variantes de pontuação têm implicações rítmicas e semânticas ponderosas.

Antes de passar aos aparatos genéticos, apresento rapidamente a sinalética utilizada, que se baseou no modelo da equipa Pessoa:

- espaço deixado em branco pelo autor
- <...> segmento riscado pelo autor
- <...> /... \ substituição por sobreposição, na relação <substituído>/substituto\
- <...> [↑...] substituição por cancelamento e adição na entrelinha superior
- † palavra ilegível

Viria em seguida o primeiro aparato genético, a dar conta da versão E:

Aparato genético 1

Ante Título Há uma cruz.

- 1 <Na praia> [↑ Alli]
- 5 <cão de †> [↑ “S. Bernardo”]
- 7 *Em às aguas, há um traço oblíquo sobre o morfema de plural. Interpretei esta ocorrência como uma correcção abandonada, tanto mais que a rima obrigaría a uma modificação idêntica do final do v. 5.*
- 10 algas <, > /... \
- 12 fidalgas <! > /.
- 13 <n’um> [↑ em] chilreante
- 16 creanças <! > /... \

Como se vê, há apenas seis correcções, metade delas respeitantes a pontuação, o que indica que a versão B já tinha um carácter quase definitivo. Note-se que – num processo habitual em António Nobre – a primeira modificação elimina uma variante que vinha das versões A e B e tinha entretanto desaparecido em C e D.

Cumprindo o princípio de desdobrar o aparato genético nos momentos correspondentes aos estádios identificados, seguir-se-iam os aparatos genéticos 2 (versão D), 3 (versão C), 4 (versão B) e 5 (versão A). Acontece que as versões D e B estão bastante afastadas do texto crítico apurado, pelo que o modelo de representação codificada dificultaria a sua percepção. Seria assim preferível dispor os aparatos genéticos respectivos (2 e 4) de forma idêntica à do texto crítico.

Vejamos então como ficariam os Aparatos Genéticos 2 e 3 (versões D e C):

Aparato genético 2

À beira-mar

- Vem declinando a tarde. Um bando de inglezinhas
Loiras, gentis, suaves,
Andam a beira-mar, leves como andorinhas,
Descalças, como as aves...
- 5 Patinham sobre a agua,
Com graça, mimo e arte,
E tinem pelo ar vibrantes gargalhadas,
Como um cristal que parte...
- Um cão da Terra Nova erguido sobre as fraguas
- 10 □
Vigi-as, mudo e prompto a arremessar-se às aguas,
Heroico *salva-vidas!*...
- O pae, um moço inglez, nada na praia,
Colleccionando algas,
- 15 E, alem, Mistress faz *crochet*, graciosamente,
- 16 Elas, no entanto, a rir, banham os pès de arminho,
Nas águas verdes-mansas
E ri-se muito o mar-avô, esse velhinho
Que è doido por creanças!

- 20 e tenho, ao vê-as
Excentricos desejos:
Dà-me vontade, (eu sei?) de patinar com ellas,
Ou de as calçar de beijos!

Aparato genético 3

- Post 15 <E, além, Mistress <faz bordados> [↑ borda]> /
<Com suas mãos fidalgas.>
16 <E as *girls* a brincar, pousam> [↑ Elas, no entanto,
a rir, banham]
20 *No início da linha* <E ao longe>

Passemos agora aos Aparatos Genéticos 4 e 5 (versões *B* e *A*), dispondo o primeiro, como já disse, de forma idêntica à do texto crítico:

Aparato genético 4

À beira-mar

- 1 Na praia, à beira-mar, um bando de ingles[inhas]
2 Loiras, místicas, suaves,
3 Leves como andorinhas
4 Descalças como as aves...
5 Patinam sobre a água, um príncipe de fadas,
Com graça, mimo e arte,
7 E tinem pelo ar vibrantes gargalhadas
Como um cristal que parte!
Ao lado vela ansioso um cão da Terra Nova
10 um Elzivir
Soltando as fulvas tranças,
12 E ri-se muito o mar-avô, esse velhinho,
13 Que è doido por creanças!...
Dà-me vontade, (eu sei?) de patinar com ellas,
15 Ou de as calçar de beijos!...

Aparato genético 5

Título Há um traço horizontal que atravessa as duas últimas sílabas de beira-mar. Não é contudo claro que se trate de um risco de rejeição do título.

- 1 <grupo> [↑ bando] *Em inglesinhas, os limites da folha impediram a escrita das sílabas finais. A restituição é nossa, autorizada pela rima e pela métrica.*
2 <<Banhando> /Molhando\ os pès de arminho> [↑ Loiras, místicas, suaves]
3 <Patinam sobre a água,> <ingenuas> [↑ Leves como] *Em andorinhas, os limites da folha impediram o registo do morfema de plural*
4 <Que a mãe soltou do ninho> [↑ Descalças como as aves]
5 <Um *baby* delicioso> [↑ Patinam sobre a água]
7 *Há um traço sobre as três sílabas finais de gargalhadas*
Post 9 *Depois deste, e sem espaço interestrófico, há três versos eliminados por traços verticais:*

<Estatua da saudade/ Que, outrora, o dono seu acompanhou à cova/ Em <prova> [↑ sinal] de amizade. >

Ante 10 *Com espaço interestrófico* <N'um rochedo isolado,>

10 <Absorta e vaga, lê> <o Tennysson> [↑ um Elzivir] <da Côrte,>

Post 10 <O seu poeta amado.> *Segue-se um espaço interestrófico*

12 o mar <, o bom avô> [↑ -avô, esse] velhinho,

13 creanças!... [↑ †]

Post 13 <<Phantasticos> /Excentricos\ desejos:>

Apesar das adaptações introduzidas no modelo habitual das edições com uma componente genética, parece-me evidente que a representação codificada de um aparato genético como 5 torna demasiado penosa a percepção da versão *A*. Para ultrapassar esse problema, defendo uma solução de compromisso, que consistiria em apresentar, a seguir à sua representação codificada – necessária para a compreensão da génese de *B* –, o Aparato Genético 5 de uma forma idêntica à do texto crítico. Teríamos assim:

Aparato genético 5

À beira-mar

- Na praia, à beira-mar, um grupo de ingles[inhas]
Banhando os pès de arminho,
Patinam sobre a água, ingenuas andorinhas
Que a mãe soltou do ninho...
5 Um *baby* delicioso, um príncipe de fadas,
Com graça, mimo e arte,
E tinem pelo ar vibrantes gargalhadas
Como um cristal que parte!
Ao lado vela ansioso um cão da Terra Nova
10 Estatua da saudade
Que, outrora, o dono seu acompanhou à cova
Em prova de amizade.
N'um rochedo isolado,
Absorta e vaga, lê o Tennysson da Côrte,
15 O seu poeta amado.
Soltando as fulvas tranças,
E ri-se muito o mar, o bom avô velhinho,
Que è doido por creanças!...
Phantasticos desejos:
20 Dà-me vontade, (eu sei?) de patinar com ellas,
Ou de as calçar de beijos!...

Creio que um modelo como o que acabei de apresentar, apesar de menos canónico, tem a vantagem de permitir acompanhar com clareza as versões por que foi passando o poema, tornando mais fácil e intuitiva a compreensão do processo da sua composição. Se assim for, este projecto de edição crítico-genética de *Primeiros Versos* poderá

servir de ponto de partida para estudos sistemáticos – feitos numa perspectiva global ou particular – sobre a génese desta obra de António Nobre. Continuarão assim a tombar, para retomar as palavras de Vera Vouga, “muitas ingénuas leituras de um poeta que maliciosamente ocultou, com um poderosíssimo mito biográfico, o que talvez com grande narcisismo mas maior generosidade

nos legou com os seus papéis: a possibilidade de saltar a pés juntos no grande oceano da criação poética”⁸.

É este fascínio de mexer com papéis que eu espero ter sabido transmitir.

Recebido: 24 de setembro de 2010
Aprovado: 30 de setembro de 2010
Contato: franciscotopa@netcabo.pt

⁸ “António Nobre: Os versos radicais – Génese do soneto “Ao Alberto””, in *Colóquio / Letras*, n.º 127 / 128, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Janeiro – Junho de 1993, p. 113.